

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 33

2015

Nº 200

JANEIRO-FEVEREIRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	3
1500-592 Lisboa	No território moral do bem	5
Telefone : 217 647 441	Fé	8
*	Paulo e Abigail	11
Director Responsável :	Perfume ou detergente?	12
Manuela Vasconcelos	Ser Espírita	16
	Conversa com Deus (poema)	18
*	Mensagem de Natal	19
Tiragem : 150 exemplares	Eu não gosto de Você, P. Noel!	21
	Olhos de Freira (Soneto)	24
Registo nº. 211720	Vaticano admite que pode...	25
Dep. Legal nº. 13972	A visão daqueles que se	27
*	O valor das mães	33

EDITORIAL

Mais um princípio de um novo ano, mais uns propósitos com que cada um pensa melhorar-se, mais uns sonhos e umas ilusões... e os dias vão passando, céleres, um após outro, somando semanas e meses e, de repente, lá estaremos a virar a folha do calendário e a colocar um outro, novo, no lugar daquele que nos afirma, ainda que silenciosamente, terem já passado mais 365 dias!

Tem asido assim, ano após ano! Tem sido assim com todos nós, e neste “viver mais ou menos a correr” muitas das vezes nem sequer nos detemos para nos interrogarmos de como estamos a aproveitar mais esta oportunidade reencarnatória que o Senhor nos concedeu.

Considerando os bilhões de espíritos aguardando a sua vez de voltarem a habitar um corpo carnal, nem nos apercebemos da “sorte” que tivemos com esta reencarnação. Para tudo (o que é bom) pensamos sempre que se acontece é porque merecemos enquanto que, o mal e dolorido que vai surgindo vamos renegando e afirmando que não merecemos!... Mas Deus é Justo, pelo que não pode dar a um só dos seus filhos algo que ele não mereça; assim sendo, procuremos estar mais atentos a tudo o que fazemos, para evitarmos constantemente repetir os mesmos erros... mesmo porque, sendo todos os Espíritos milenares, pensamos que estamos a tornar demasiado extensa a “época de aprendizado”: devemos, antes, procurar começar a viver aquela outra, de Espíritos que procuram percorrer o caminho do bem, enquanto vamos estendendo a mão e amparando os que estejam mais atrasados que nós.

Assim sendo, que este propósito se concretize em cada um, para que a colheita obrigatória da sementeira feita seja uma colheita de Paz, Amor e Luz!

Feliz 2015!

A DIRECÇÃO

*

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

54 – Não há nenhuma ciência que tenha surgido completa, do cérebro do homem; todas, sem excepção, são o produto de observações sucessivas, apoiando-se nas observações precedentes, como de um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam com o Espiritismo, porque seu ensino foi gradual; eles não abordam as questões senão à medida que os princípios sobre os quais eles devem apoiar-se se acham suficientemente elaborados, e que a opinião seja amadurecida para os assimilar. É mesmo notável que, todas as vezes que os centros particulares têm procurado abordar as questões prematuras, não têm obtido senão respostas contraditórias e não concludentes. Quando, ao contrário, o momento favorável chega, o ensinamento generaliza-se e unifica-se na quase totalidade dos centros.

Há, portanto, entre a marcha do Espiritismo e a das ciências, uma diferença capital; isto é, estas não atingiram o ponto

a que chegaram senão após longos intervalos, ao passo que ao Espiritismo foram suficientes alguns anos, senão para atingir o ponto culminante, pelo menos para recolher uma soma de observações assaz grande para constituir uma doutrina. Disso decorre que há uma inumerável multidão de Espíritos que, pela vontade de Deus, se manifestam simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. É em resultado disso que todas as partes da doutrina, ao invés de serem elaboradas sucessivamente durante muitos séculos, o têm sido quase simultaneamente em alguns anos, o que foi suficiente para agrupá-las e assim formar um todo.

Deus quis que fosse assim, primeiramente para que o edifício chegasse mais prontamente ao cume, em segundo lugar, para que fosse possível, pela comparação, um controle por assim dizer imediato e permanente, na universalidade do ensino, cada parte não tendo valor e **autoridade**, a não ser pela conexão com o conjunto, todas se harmonizando, encontrando seu devido lugar e chegando cada uma a seu tempo.

Não confiando a um só Espírito o cuidado de promulgação da doutrina, Deus quis que tanto o menor como o maior entre os Espíritos, como entre os homens, trouxesse a sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperadora, o que faltou a todas as doutrinas oriundas de uma fonte única.

De outro lado, cada Espírito assim como cada homem, não possuindo senão uma soma limitada de conhecimentos, individualmente, seria incapaz de tratar **ex professo** das inumeráveis questões referentes ao Espiritismo; eis, igualmente, porque a doutrina, para cumprir a vontade do Criador, não poderia ser obra de um só Espírito nem de um só médium; ela não poderia

surgir senão da colectividade dos trabalhos uns pelos outros. (7: ver no “*Evangelho Segundo o Espiritismo*”, página 6 da *Introdução e a Revue Spirite*, Abril de 1864, pág. 9º: “*Autoridade da Doutrina Espírita; concordância universal do ensino dos Espíritos*”)

ALLAN KARDEC

(Continua no próximo número)

(In: A GÉNESE, ed. Lake, Capítulo 1º).

*

NO TERRITÓRIO MORAL DO BEM

Não importa o gelo da indiferença, nem o bramido da incompreensão, se buscamos servir.

*

“Se tendes amor, possuis tudo o que há de desejável na Terra, possuis preciosíssima pérola que nem os acontecimentos nem as maldades dos que vos odeiem e persigam poderão arrebatam.” – UM ESPÍRITO PROTECTOR¹

Os ensinamentos contidos nos Evangelhos ainda estão longe de sensibilizar a maior parte da humanidade que não consegue apreendê-los. Os Benfeitores Espirituais esforçam-se

para esmiuçá-los, tornando-os, assim, mais acessíveis à compreensão de todos os corações indóceis.

O Espiritismo, entre os incontáveis benefícios que traz às criaturas, mostra o verdadeiro sentido das palavras de Jesus, palavras essas que sofreram graves prejuízos com a manipulação sofrida pelos homens. Facilitará, assim, a compreensão e prática dessas directrizes.

Por outro lado, a decepção e o desânimo espreitam o caminho de todo aquele que resolve a ética cristã; portanto, como aconselha Albino Teixeira², *“não aguardes o amigo perfeito para as obras do bem: esperavas ansiosamente a criatura irmã, na soleira do lar, e o matrimónio trouxe alguém a reclamar-te sacrifício e ternura; contavas com teu filho, mas ele alcançou a mocidade sem ouvir-te as esperanças; sustentavas-te no companheiro de ideal e, de momento para outro, recolheste a mistura vinagrosa na ânfora da amizade em que sorvias água pura; mantinhas a fé no orientador que te merecia veneração e, um dia, até ele desapareceu de teus olhos, arrebatado por terríveis enganos.*

“Quase sempre, aqueles que tomamos por afectos mais doces, crendo abraçá-los por sustentáculos da luta, simbolizam tarefas que solicitam renúncia e apostolados a exigirem amor. Não importa o gelo da indiferença, nem o bramido da incompreensão, se buscamos servir.

“O Coração Mais Belo que pulsou entre os homens respirava na multidão e seguia só. Possuía legiões de Espíritos angélicos e aproveitou o concurso de amigos frágeis que O abandonaram na hora extrema. Ajudava a todos e chorou sem ninguém. Mas, ao carregar a cruz, no monte áspero, ensinou-nos que as asas sa imortalidade podem ser extraídas do fardo de

aflicção, e que, no território moral do bem, alma alguma caminha solitária, porque vive tranquila na presença de Deus.”

Em Sua Vida luminosa e singular, Jesus sacrificou-se ao extremo porque sabia que o grande colectivo repousa nos pequenos sacrifícios de cada um; portanto, se nos esforçamos para seguir o “*Modelo e Guia*” mais perfeito, em curto lapso de tempo lograremos transformar a Terra em luminoso caminho para a verdadeira e imarcescível glória.

1 – KARDEC, Allan. O Evangelho Seg. o Espiritismo, 125 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2006, cap. VIII, item 19.

2 – XAVIER, Francisco Cândido. O Espírito da Verdade, 3ª ed. Rio (de Janeiro): FEB, 1977, cap. 33, p.p. 83-84.

ROGÉRIO COELHO

(Mauriaé. – M. Gerais – Brasil)



Para construir, são necessários amor e trabalho, estudo e competência, compreensão e serenidade, disciplina e devotamento.

Para destruir, porém, basta, às vezes, uma só palavra. - ANDRÉ LUIZ. – (F.B.: Chico Xavier e Amigos).

(Recebido de Gerson Sestini – R. de Janeiro, Brasil).

F É

“Se tivesses fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: transporta-te daqui para acolá, e ela se transportaria e nada vos seria impossível.” – MATEUS, 17: 19).

Na maneira como uns e outros vamos reclamando de Deus o que nos acontece e sentimos como de menos agradável, nessa reclamação está a intensidade, o valor da nossa fé para com o Alto.

E, debruçando-se sobre o valor da mesma, recordamos de imediato a definição de Allan Kardec, de que todos tomamos conhecimento quando consultamos a obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

Fé inabalável é somente aquela capaz de enfrentar todas as vicissitudes em qualquer época da humanidade.

Então, perguntamo-nos: como é a nossa fé?

- Reclamando, à menor contrariedade?
- Aceitando o que vai surgindo no nosso caminho, dia após dia, como se cada um deles fosse uma nova página do **livro** que cada um vai escrevendo e folheando – o seu **Livro da Vida**?

- Desistindo, ao menor dos percalços?

Quantas vezes, desde que despertou em nós o sentido da inteligência – ou desde que entrámos no reino hominal, para sermos mais precisos – quantas vezes fomos postos à prova,

reencarnação após reencarnação, desde o enfretar de uma acção simples mas que nos exige algo de diferente, até àquela prova maior, em que tivemos de afirmar, para nós ou para quem nos rodeou: - “Se Deus assim o quis, só temos de aceitar! Se for provação, Ele nos dará a força necessária para a aceitar... e vencer, no momento oportuno!”

É difícil! É difícil porque nos sabemos ainda extremamente imperfeitos – apesar de nos aceitarmos como espíritos milenares.

Reconhecemos que não é o Tempo que nos dá a sabedoria mas, antes, a assimilação do conhecimento que, qual sementeira, chegou até nós! Ele – o conhecimento – será para cada um aquilo que se queira em aproveitamento, em experiências e vivências!

Muitas vezes, no entanto, não nos basta “aquilo” que chega até nós: a sementeira que temos de fazer desenvolve pelo esforço próprio a sementinha que se recebeu... Precisamos de ver a parte prática daquela mesma questão, nos outros analisarmos o seu comportamento, as consequências do que foram experimentando ou concretizando, para concluirmos pelo seu positivismo e fazermos, então, o mesmo. Entretanto, nesta observação, nesta análise, quanto tempo perdemos?

A nossa imperfeição é tão grande ainda que não nos deixa pensar que a “oportunidade” que o Senhor nos concedeu está sujeita a um prazo de que não conhecemos a meta final – e que pode chegar a qualquer instante – agora mesmo, enquanto pensamos no caso. E depois, como vai ser, ao despertarmos do outro lado da Vida?

Reclamamos do Senhor, que não quis esperar pela nossa predisposição para iniciarmos um comportamento diferente ou, simplesmente, humildemente, reconhecemos a nossa

irresponsabilidade, fruto do ‘comodismo’ com que levámos a vivência que Ele nos concedeu?

E mesmo na convicção que não nos abandona, que o Pai nos dará outra oportunidade, não nos lembramos – no nosso egoísmo – que, tal como nós, há muitos outros espíritos aguardando oportunidades idênticas e o Pai, no seu imenso Amor, Justiça e Tolerância para com as suas criaturas, tem de prover a todas!

Quando voltaremos a ter uma oportunidade assim? Quando – e podendo aproveitar o tempo de espera para mais aprendizado – quando volveremos a ser postos à experiência de nós mesmos, das nossas capacidades sempre baseadas no esforço com que procuremos o nosso aperfeiçoamento?

Queremos ser melhores, é um facto! Mesmo quando olhamos para trás, e conseguirmos reconhecer que já fomos bem piores, concluímos que entre o que fomos e o que somos, a conclusão entristece-nos: ainda não nos amamos o suficiente para procurarmos melhorar-nos. Há uma diferença enorme entre o que ambicionamos ser e o que conquistamos porque, acomodados como nos sentimos, duvidamos muitas vezes – inúmeras vezes – de conseguirmos avançar um pouco mais!

É-nos mais fácil afirmarmos que não conseguimos, que não somos capazes, do que cerrarmos os dentes e tentarmos seguir em frente, ainda que com algumas feridas ou quedas no percurso! Não nos amamos o suficiente, não nos queremos o bastante para termos fé naquilo que somos capazes de fazer ou conquistar... a fé em nós é mais pequena, ainda, que a do tamanho do grão de mostarda que faz movimentar montanhas! E temos tantas, que aguardam o nosso esforço, seja ele maior ou menor!

Para agirmos teremos então, antes de qualquer outra coisa, de a alimentar mais e mais, até que a tornemos uma fé inabalável... aquela capaz de arrostar todas as vicissitudes da Vida, em qualquer época onde nos encontremos inseridos!

MANUELA VASCONCELOS

*

PAULO E ABIGAIL

PAULO – Que fazer para adquirir a compreensão perfeita dos desígnios do Cristo?

ABIGAIL - Ama!

PAULO - Como fazer para que a alma alcance tão elevada expressão de esforço com Jesus Cristo?

ABIGAIL – Trabalha!

PAULO - Que providências adoptar contra o desânimo destruidor?

ABIGAIL – Espera!

PAULO - Como conciliar as grandiosas lições do Evangelho com a indiferença dos homens?

ABIGAIL - Perdoa!

(Diálogo retirado do livro PAULO E ESTEVÃO, de Emmanuel, e psicografado por Francisco C. Xavier. Ele pode ser, para cada um de nós, uma norma de vida para chegarmos “mais longe”. – Manuela).

*

PERFUME OU DETERGENTE?

Somos espíritas, tentamos ser espíritas, queremos ser espíritas dentro e fóra da Casa Espírita. Tomara, mas tomara mesmo, que consigamos ser espíritas fóra do ambiente do Centro Espírita. Afinal, o mundo está aí, com suas lutas e desafios, testando a nossa capacidade de sermos melhores a cada ia.

Mas não é o mundo lá fóra o objecto de reflexão deste artigo. É o mundo dentro da Casa Espírita. Melhor dizendo, é a nossa postura em relação ao Centro Espírita que frequentamos. Por essa razão, cabe formular a pergunta: - Que tipo de espírita você é: perfume ou detergente?

Muitas são as pessoas que, ao comprar um perfume, pedem para sentir sua fragância. Uma amostra do perfume é espirrada no nosso braço ou naquela tirinha de papel, para que possamos escolher o melhor aroma. É um cheiro gostoso, agradável, chique, que nos remete a sensações de elegância, bem-estar, sofisticação.

Já o detergente é pego sem muita atenção na prateleira di super-mercado e jogado no carrinho, junto a várias outras compras.

O perfume, não. Quer o compremos para dar de presente ou para uso pessoal, ele ganhará uma embalagem elaborada, fina, que chame a atenção. Tanto, que adoramos dar perfume de presente! Ao mesmo tempo, ninguém em sã consciência presentearia alguém com um vidro de detergente...

O perfume merece lugar de destaque na nossa casa; o detergente, não.

O perfume custa caro; o detergente, não.

O perfume tem um frasco bonito; o detergente, não.

Mas apesar de todas estas aparentes desvantagens, o detergente ganha de lavada, literalmente, do perfume. Afinal, é o detergente que limpa a casa, apesar de, depois da tarefa cumprida, voltar para o canto do armário da área de serviço. E o perfume, embora reine impávido e reluzente no toucador ou na bancada do lavatório, não tem capacidade de encarar uma limpeza pesada, algo que o detergente faz com a maior facilidade. Só que, estranhamente, a Sociedade vangloria o perfume e se esquece do detergente... E acaba reproduzindo isso na relação social, pois damos mais valor à pessoa perfumada do que à pessoa detergente!

No Centro Espírita, esta célula social da qual fazemos parte, acontece o mesmo fenômeno. Quem tem “olhos de ver”, como dizia Jesus Cristo, já deve ter notado que há espíritas perfumes e espíritas detergentes. E deve ter notado, também, que

há os espíritas desavisados, que adulam o espírita perfume e nem notam a existência do espírita detergente.

Quem é o espírita perfume? É o espírita que não tem tarefa no Centro Espírita; só faz presença. Aparece para espirrar um cheirinho de lavanda aqui, um aroma de almíscar ali, uma fragância de alfazema acolá... É bonito, sorridente, carismático, bem cuidado... Por essa razão, fascina os desavisados. Não estou dizendo que o espírita perfume seja assim propositadamente, com o intuito deliberado de iludir as pessoas. É assim sem ter noção, sem segundas intenções. É o que, por enquanto, ele tem para dar.

E o espírita detergente, quem é? É aquela pessoa que, de facto, está na Casa Espírita. Deixa tudo limpo, em ordem. Ou então, evangeliza, aplica passes... Enfim, é a pessoa que abraçou uma tarefa e sempre a exerce com dedicação, disciplina e assiduidade. E, se faltar, sua ausência será sentida. E como!...

Para termos uma ideia melhor de ambos e de como agimos perante eles, vamos imaginar a seguinte situação: um renomado expositor e escritor espírita virá à Casa que frequentamos para fazer uma palestra e autografar seu mais recente livro. Em seguida, haverá um *buffet*, fazem o café, dispõem os doces e salgados nas mesas. Os perfumes são convidados para ajudar, se comprometem a ir mas não comparecem. Quinze minutos antes do evento começar, eles chegam arrumados, perfumados (é claro!) e sorridentes, acercando-se do orador para cumprimenta-lo e abraçá-lo.

Terminado o evento, enquanto os detergentes arrumam tudo, os perfumes conversam com o orador, elogiam a sua palestra e falam sobre a grandiosidade dos conceitos espíritas, mas são incapazes de lavar um copo ou carregar uma cadeira. E logo se

vão, deixando os detergentes responsáveis por colocar a Casa em ordem, novamente.

Porque isso acontece? Porque numa Sociedade dominada pela imagem, deixamo-nos seduzir e passamos a adular, dentro da Casa Espírita, a turma do perfume.

Isso significa que devemos adular a turma do detergente? Adular, não; valorizar, sim. Dar valor não tem nada a ver com estender tapete vermelho. É ficar ombro a ombro com pessoas que, muitas vezes, carregam o Centro Espírita nas costas, sem nos darmos conta.

Os perfumes só aparecem de vez em quando, para espirrar seu aroma agradável. Ao mesmo tempo, os detergentes estão em todos os lugares, muitas vezes sobrecarregados, abraçando várias tarefas que são imprescindíveis para o bom funcionamento do Centro Espírita. Os perfumes, às vezes, têm até fã-clubes, enquanto que os detergentes...

Mas como ficar ombro a ombro com os detergentes? Simples: seja você também um detergente. Quando isso acontecer, os perfumes perceberão que precisam ser detergentes. Afinal, repito, os perfumes não agem assim por mal: simplesmente, ainda não perceberam o real significado do trabalho numa Casa Espírita.

Que tipo de espírita é você: perfume ou detergente?

ANÓNIMO

(Este texto foi-nos enviado por irmão amigo, de S. Paulo, mas ignorando o nome do autor. Porque o achamos muito bom, focando com bastante precisão o que se passa nas Casas Espíritas,

aqui o transcrevendo esperando que, desta transcrição, vários detergentes surjam a substituir os perfumes que se passeiam por aqui e por ali... e desaparecem levando consigo toda a essência do aroma que usam).

SER ESPÍRITA

SER ESPÍRITA não é ser religioso; é ser cristão; não é ostentar uma crença: é vivenciar a fé sincera. Não é ter uma religião especial; é deter uma grave responsabilidade; não é superar o próximo: é superar-se a si mesmo. Não é construir templos de pedra: é transformar o coração em templo eterno.

SER ESPÍRITA não é apenas aceitar a reencarnação: é compreendê-la como manifestação da Justiça Divina e caminho natural para a perfeição. Não é só comunicar-se com os Espíritos, porque todos indistintamente se comunicam, mesmo sem o saber; é comunicar-se com os bons Espíritos para se melhorar e ajudar os outros a se melhorarem também.

SER ESPÍRITA não é apenas consumir as obras espíritas para obter conhecimento e cultura: é transformar os livros, suas mensagens em lições vivas para a próxima mudança. *Ser sem vivenciar é o mesmo que dizer sem fazer.*

SER ESPÍRITA não é internar-se no Centro Espírita, fugindo do mundo para não ser tentado; é conviver com todas as situações lá fóra, sem alterar-se como espírita e como cristão. O espírita consciente é espírita no templo, em casa, na rua, no trânsito, na fila, no telefone, sozinho ou no meio da multidão, na alegria e na dor, na saúde e na doença.

SER ESPÍRITA não é ser indiferente: é ser exactamente igual aos outros, porque todos somos iguais perante Deus. Não é mostrar-se que é bom; é provar a si próprio que se esforça por ser bom, porque ser bom deve ser um estado normal do homem consciente. Anormal é não ser bom.

SER ESPÍRITA não é curar ninguém; é contribuir para que alguém trabalhe a sua própria cura. Não é tornar o doente dependente dos supostos poderes dos outros; é ensinar-lhe a confiar nos poderes de Deus e nos seus próprios poderes, que estão na sua vontade sincera e perseverante.

SER ESPÍRITA não é consolar-se sem receber; é confortar-se em dar, porque pelas leis naturais da Vida, *é bem mais aventurado dar do que receber*. Não é esperar que Deus desça até onde nós estamos; é subir ao encontro de Deus, elevando-se moralmente e esforçando-se para melhorar-se sempre.

Isto é SER ESPÍRITA.

ANÓNIMO

(Recebido, via internet, sem que nos fosse indicado o nome do autor).



CONVERSA COM DEUS

Um dia, Senhor, precisei de Ti,
Pedi-Te ajuda e o auxílio veio...
Quando, lúcido, procurei agradecer,
Apenas me lembrei de Te servir...
Os anos passaram... o tempo passou,
O calendário foi voltando as suas folhas!
Hoje... acho que já Te dei tudo
E nada mais posso fazer.
Assim... quero que me reformes!
Não digo que uma vez por outra
Não me lembre de Ti
E não queira ajudar-Te...
Mas só esporadicamente!
É melhor deixar o tempo correr
E não fazer nada!...
É tão bom
Não ter que fazer nada,
Não ter que estar atento,
Vigilante!
Reformei-me, Senhor!

- OH, DEUS, AJUDA-ME!

(Copiado, em 13 de Setembro/2014, de uma mensagem, na internet).

MENSAGEM DE NATAL

Natal és tu, quando decides nascer de novo em cada dia, e deixar Deus entrar na tua alma...

A árvore de Natal és tu, quando resistes, vigoroso, aos ventos e dificuldades da Vida!

Os enfeites de Natal és tu, quando as tuas virtudes são cores que adornam a tua vida; o sino de Natal és tu, quando chamas, congregas e procuras unir. És, também, luz de Natal quando iluminas com a tua vida os outros, com bondade, paciência, alegria e generosidade.

Os anjos de Natal és tu, quando cantas ao mundo uma mensagem de paz, de justiça e de amor.

A estrela de Natal és tu, quando conduzes alguém ao encontro de Deus. És, também, os reis magos, quando dás o melhor que tens, sem importar a quem.

A música de Natal és tu, quando conquistas a harmonia dentro de ti... O presente de Natal és tu, quando és de verdade amigo e irmão de todo o ser humano.

O cartão de Natal és tu, quando a bondade está escrita nas tuas mãos.

A saudação de Natal és tu, quando perdoas e reestabeleces a paz, mesmo quando sofres.

A ceia de Natal és tu, quando sacias de pão e esperança o pobre que está ao teu lado.

Tu és, sim, a Noite de Natal, quando humilde e consciente recebes, no silêncio da noite, o Salvador do mundo, sem ruídos nem grandes celebrações; tu és sorriso de confiança e de ternura, na paz interior dum Natal perene que estabelece o Reuno de Deus dentro de ti.

Um Natal muito feliz para todos os que se parecem com o Natal!

PAPA FRANCISCO

(Recebida do Irmão João Xavier de Almeida, do Porto. Achamos esta mensagem tão bela que não resistimos a traze-la ao conhecimento de todos os que nos lêem.).

E, ainda sobre o Natal, um outro texto, este de Aldemar Paiva, nascido em Maceió, Brasil, em 10/7/1925. Segundo o irmão que no lo enviou, “trata-se de um homem de excepcional talento, capaz de realizar com maestria tudo aquilo que resolve fazer, motivo porque adquiriu o respeito da crítica e a admiração do público em relação a todas as facetas exploradas pela sua veia artística. Aldemar conseguiu ser poeta, cordelista, radialista, jornalista, compositor, produtor artístico e publicitário de primeira grandeza, consagrando-se como um artista multi-mídia, antes mesmo que o termo fosse inventado.

Então, aqui vai o texto que nos mandou o José Jorge Leite de Brito: Taguatinga DF, Brasil:

EU NÃO GOSTO DE VOCÊ, PAPAI NOEL!

Eu não gosto de você, Papai Noel! Também não gosto desse seu papel de vender ilusão para burguesia. Se os meninos pobres da cidade soubessem o desprezo que você tem pelos humildes, pela humildade, eu acho que eles jogavam pedra em sua fantasia.

Talvez você não se lembre mais: eu cresci e me tornei rapaz sem nunca esquecer aquilo que passou... Eu lhe escrevi um bilhete pedindo o meu presente... A noite inteira eu esperei contente... Chegou o sol, mas você não chegou! Dias depois meu pobre pai, cansado, me trouxe um trenzinho velho, enferrujado, pôs na minha mão e falou:

- Tome, filho, é p'ra você. Foi Papai Noel que mandou!

E vi quando ele disfarçou umas lágrimas com a mão. Eu, inocente e alegre nesse caso, pensei que meu bilhete, embora com atraso, tinha chegado em suas mãos no fim do mês. Limpei ele bem limpo, dei corda, o trenzinho partiu, deu muitas voltas... O meu pai, então, se riu e me abraçou pela última vez.

O resto, eu só pude compreender depois que cresci e vi as coisas com a realidade.

Um dia meu pai chegou assim p'ra mim, como quem está com medo e falou:

- Filho, me dá aqui seu brinquedo, eu vou trocar outro na cidade.

Então, eu entreguei o meu trenzinho quase a soluçar, como quem não quer abandonar um mimo, um mimo que lhe deu quem lhe quer bem. Eu supliquei:

- Pai! Eu não quero outro brinquedo, eu quero meu trenzinho... Não vai levar meu trem, pai!...

Meu pai calou-se e de seu rosto desceu uma lágrima que, até hoje, creio tão pura e santa que assim só Deus chorou; ele saiu, correndo, bateu a porta assim, como um doido varrido. A minha mãe gritou:

- José! José! José...

Ele nem deu ouvido, foi-se embora e nunca mais voltou...

Você, Papai Noel, me transformou num homem que a infância arruinou... Sem pai e sem brinquedo, afinal, dos meus presentes não há um que sobre da riqueza de um menino pobre, que sonha o ano inteiro com a noite de Natal! Meu pobre pai, mal vestido, p'ra não me ver naquele dia desiludido, pagou bem caro pela minha ilusão... Num gesto nobre, humano e decisivo, ele foi longe demais p'ra me trazer aquele lenitivo: tinha roubado aquele trenzinho do filho do patrão!

Quando ele sumiu, eu pensei que ele tinha viajado; só depois de eu ser grande minha mãe, em prantos, me contou... que ele foi preso, coitado! E transformado em réu. Ninguém para absolver meu pai se atrevia. Ele foi definhando na cadeia até que,

um dia, Nosso Senhor... Deus nosso Pai... Jesus, entrou na sua cela e libertou ele p'r'o céu.

ALDEMAR PAIVA

(Este texto fez-nos recuar no tempo, até ao dia em que lemos a história do homem que, em Paris, no séc. XVIII, conforme o narrou o escritor Victor Hugo, foi preso e condenado às galés por ter roubado um pão para matar a fome da filha... Por um brinquedo enferrujado, com certeza que já posto de parte pelo menino rico que apenas deu pela sua falta, outro homem foi preso... apenas porque amava o seu filho e quis dar-lhe aquilo que não podia adquirir de outra maneira... Claro que não somos apologista do roubo, seja qual for a circunstância em que o mesmo se dê, mas não podemos deixar de chamar a atenção para todos esses brinquedos que os meninos, filhos de pais com mais posses que aqueles que quase não têm dinheiro para comer, podiam dar aos menos abonados da vida... Partilhar – não aquilo que já é considerado lixo e não serve a ninguém embora os mais abonados pensem – alguns – que “se é para pobre, tudo está bem” – e dão – se-lhes brinquedos que nem já o próprio nome merecem; e dão-se-lhes sapatos esburacados; e dão-se-lhe roupas tão sujas e esburacadas que só têm um caminho: o contentor do lixo! Talvez este texto obrigue alguém a pensar melhor naqueles que não nasceram “num berço de ouro” mas têm os mesmos sonhos, aspirações e sentimentos que qualquer outro ser que habite – ou não – a face da Terra!

*

OLHOS DE FREIRA

Olhos de freira, tristes e magoados,
Sob o guante das dores mais severas,
Olhos que não contemplam primaveras,
Primaveras das flores dos pecados.

Olhos calmos e lindos, aureolados,
De irradiações formosas mas austeras,
Grandes e belos, olhos sossegados,
Longe do mundo, longe das quimeras...

Quem poderá dizer qual o mistério
Desses olhos de dúcida piedade,
Sempre fitos no azul do espaço etéreo?

Talvez alguma dor desconhecida,
Existe sob o véu de suavidade,
Desses olhos que sonham n'outra vida!

FRANCISCO C. XAVIER

(Versos por ele mesmo, poesia 39 “Chico Xavier – o primeiro livro”, Casa de Chico Xavier – Belo Horizonte – MG. Organizado por Geraldo Lemos e Sérgio Luiz Ferreira Gonçalves. 2010. – Este soneto foi-nos enviado por Rogério Coelho, Mauriaé, MG., Brasil, a quem agradecemos a gentileza).



VATICANO ADMITE QUE PODE HAVER VIDA FÓRA DA TERRA

O Director do Observatório Astronómico do Vaticano, conhecido como *Specola Vaticana*, Padre José Gabriel Funes, afirmou que Deus pode ter criado seres inteligentes em outros planetas do mesmo modo como criou o Universo e os homens.

Como existem diversas criaturas na Terra, poderiam existir também outros seres inteligentes, criados por Deus. Isso não contradiz nossa fé porque não podemos colocar limites à liberdade criadora de Deus, acrescentou em entrevista ao jornal *L'Osservatore Romano*, órgão oficial de imprensa da Santa Sé.

Padre Funes, jesuíta argentino, cita Francisco de Assis ao dizer que possíveis habitantes de outros planetas devem ser considerados como nossos irmãos.

Na opinião do astrónomo do Vaticano, pode haver seres semelhantes a nós ou até mais evoluídos em outros planetas, ainda que não haja provas da existência deles.

O Universo é formado por cem bilhões de galáxias, cada uma composta de cem bilhões de estrelas, muitas delas ou quase todas poderiam ser planetas – afirmou Funes.

Segundo ele, estudar o Universo não afasta, mas aproxima de Deus porque abre o coração e a mente e ajuda a colocar a vida das pessoas na *perspectiva certa*.

Diz ainda que teorias como a do Big Bang e a do Evolucionismo de Darwin, que explicam o nascimento do Universo e da vida na Terra, sem fazer relação com a existência de Deus, não se chocam com a visão da Igreja.

Como astrónomo, eu continuo a acreditar que Deus seja o Criador do Universo e que nós não somos o produto do acaso, mas filhos de um Pai bom – diz ainda.

É uma lenda achar que a astronomia favoreça uma visão ateia do mundo. Nosso trabalho demonstra que é possível fazer ciência seriamente e acreditar em Deus. A Igreja deixou sua marca na história da Astronomia.

Padre Funes lembrou que os astrónomos do Vaticano fizeram importantes descobertas e trabalham em parceria com a NASA, por meio do Centro Astronómico do Vaticano, em Tueson, nos Estados Unidos.

A sede do Observatório do Vaticano localiza-se no Castel Gandolfo, cidadã próxima de Roma, onde fica situada a residência de verão do Papa, desde 1935.

O interesse dos pontífices pela Astronomia surgiu com o Papa Gregório XIII, que promoveu a reforma do calendário em 1582, dividindo o ano em trezentos e sessenta e cinco dias, doze meses e introduziu os anos bissextos.

<http://gl.globo.com>

(Transcrito com a devida vénia, do jornal MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, Dezembro de 2014, e inserido no capítulo “Anúncios da Nova Era”).

A VISÃO DAQUELES QUE SE RECUSAM A VER...

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara. -
SARAMAGO : Ensaio sobre a cegueira.

Cada um de nós é como um homem que vê as coisas em um sonho e acredita conhecê-las perfeitamente, e então desperta para descobrir que não sabe nada. – PLATÃO, político.

A principal missão do homem em sua vida é dar à luz a si mesmo, e tornar-se aquilo que ele é potencialmente. O produto mais importante de seu labor é a sua própria personalidade. – ERICH FROMM, Análise do Homem.

A visão representa um dom, dentre outros múltiplos, que Deus conferiu às criaturas para se locomoverem na superfície e na atmosfera do planeta. É um dos mais importantes meios de comunicação, bem como, de integração com o ambiente em que vivem os seres dotados de olhos. É o farol que guia a direcção dessas espécies vivas, quando se deslocam na trajectória dos caminhos que percorrem. Além dessas habilidades visuais mecânicas, ela transfere para o espírito humano e aos demais seres, as mais diferenciadas emoções que são captadas através dos olhos. Todavia, àqueles que estão desprovidos desse dom, o Criador subtraiu um dos sentidos de interação entre meio ambiente e demais organismos que se deslocam no espaço físico. Nesse caso, a criatura permanece parcialmente isolada em virtude da sua incapacidade para VER. A ausência de visão, particularmente para

o ser humano, representa uma prova existencial difícil em razão dos graves efeitos que ela produz. Todos os organismos vivos que se locomovem na superfície do planeta se comunicam através da linguagem da visão. Os seres vivos, de um modo geral, comunicam-se através dos olhos.

O magnetismo do olhar das criaturas humanas sempre foi marcante na identidade do seu titular. Mas, se estamos falando da ausência da visão dos cegos, pretendemos, particularmente, destacar outro tipo de cegueira que considero a pior delas – daqueles que têm olhos perfeitos e se recusam a ver! Cristo já profetizara que *O pior cego é aquele que não vê.* (João, 9).

Otto Lara Resende, em crônica, de sua autoria, denominada VISTA CANSADA, referiu-se àqueles que têm olhos e não vêem. Nessa crônica, ele diz: *O diabo é que, de tant ver, a gente banaliza o olhar. Vê não vendo. O hábito suja os olhos e baixa-lhes a voltagem. Há pai que nunca viu o próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher, isso existe às pampas.* O seu olhar cansado é o olhar daqueles que vulgarizam a maneira de ver as pessoas e as coisas. E, dessa forma, embora tenham olhos – nada vêem! Essa, certamente, é a mais grave das cegueiras, a daqueles que têm a visão física normal e, no entanto, recusam-se a ver. Nesse sentido, Amélia Rodrigues¹ diz: *O cego dos olhos pode imaginar e conceber na mente, mas o cego do espírito nega-se a pensar, sequer, na remota possibilidade de algo existir ou acontecer, conforme se narra. O primeiro, às vezes, nega porque não visualiza, mas o outro não pretende enxergar, nega-se a ver.*

Nossa vida existencial no plano da matéria não se resume apenas e tão somente em nascer, viver e morrer. O ser humano será um mero *tubo digestivo* se pensar dessa forma. Depois que nasce, proclama Erich Fromm²: *O homem só pode ir adiante*

desenvolvendo sua razão, encontrando uma nova harmonia, uma harmonia humana agora, em vez da harmonia pré-humana irremediavelmente perdida. Uma nova forma de vida que ele descobre através da sua visão sensitiva, racional e investigativa. Refiro-me ao momento em que, de acordo com a lógica Cartesiana o ser começa a refletir sobre sua existência: *Cogito, ergo sum* – Penso, logo existo. É nesse momento significativo em que o ser pensante indaga a si mesmo: de onde vim, o que sou e para onde vou? Diante dessa realidade da existência, ele abre os olhos do Espírito a fim de despertar para a realidade de tudo aquilo que transcende a matéria. Mas, não basta apenas ver! O mais importante é preparar-se para ver o que a maioria não vê – ver especialmente aquilo que não conhecemos a fim de que possamos dimensionar os limites do nosso saber, e iniciar a descoberta das múltiplas dimensões que recusamos a ver. Nesse caso, o Espírito Amélia Rodrigues³ assinala: *O mundo está repleto de cegos de espírito, aqueles que apalpam e apertam coisas, que abarcam as posses, que se comprazem com o vinho do prazer espúrio que lhes corre nas veias e artérias do sentimento...*

Em determinada ocasião convidei uma pessoa para ir ao Centro Espírita para receber as energias fluídicas do passe e conhecer uma filosofia cristã. A resposta foi imediata: *Porque ir a um local em que não acredito?* Ao que respondi: *E como pode não acreditar naquilo que não conhece?* Arthur Conan Doyle, o famoso médico britânico, criador de Sherlock Holmes, era agnóstico. Todavia, depois que passou a conhecer a lógica irrefutável da doutrina de Allan Kardec, (cremos que o articulista quererá ter dito “a doutrina codificada por Allan Kardec”) tornou-se um dos mais respeitáveis defensores do Espiritismo na Inglaterra. A visão daqueles que não querem ou se recusam ver, em razão de convicções pessoais que nem sempre são lógicas e verdadeiras, identifica a pior das cegueiras. Isso porque, os que

recusam a ver não se encontram preparados para as novas realidades que não conhecem e fazem questão de não saber. Afinal, como poderemos entender o que não conhecemos? A chave dessa resposta é o esclarecimento!

Por essa razão Emmanuel Kant elucida o que é o esclarecimento. Nesse sentido, escreveu: *Esclarecimento é a saída do homem de sua auto-imposta menoridade. Menoridade é a incapacidade de se servir de seu entendimento sem a direcção de um outro.*⁴ Para ele, a ideia do esclarecimento é a da auto-emancipação pelo conhecimento.

Assim, aqueles que têm a visão para novos saberes possuem entendimento dos limites do seu conhecimento. Sabem que a verdade de hoje poderá ser distinta daquela que advirá, desde que analisada sob novos pontos de vista, bem como, diante de factos notórios que desvendam realidades diferentes. Todas reflectem uma visão aberta para mudanças. Hannah Arendt⁵ indaga: *Onde estamos quando pensamos? Para o que nos retiramos, quando nos retiramos do mundo das aparências, interrompemos todas as actividades e iniciamos aquilo a que Parmênides, no começo da tradição filosófica, nos encorajou enfaticamente: olha para aquilo que, embora ausente (para os sentidos), está tão firmemente presente em nosso espírito.* Assim, o homem deve estar preparado para mudar, bem como, possuir a coragem para substituir sua realidade vivencial diante das novas verdades que venham a ser captadas e desvendadas pela visão dos que veem. Afinal, somos prisioneiros dos limitados sentidos presentes nos olhos físicos, diante de um mundo inexplorado no campo das experiências pós-morte, bem como, das realidades multidimensionais presentes no Universo. Nessa linha de intelecção Erich Fromm proclama⁶: *A maioria das pessoas não está nem sequer consciente da sua necessidade de se conformar.*

Vivem na ilusão de que seguem suas próprias ideias e inclinações, de que são individualistas, de que chegaram às opiniões como resultado de seus próprios pensamentos – e que só por acaso suas ideias são as mesmas que as da maioria.

Allan Kardec, ao estudar a fenomenologia das manifestações espíritas, realizou profunda investigação científica, distanciou-se dos dogmas e do conhecimento vulgar para enfrentar a logicadas novas realidades existenciais. Desvendou perante os olhos atônitos do mundo materialista a evidência da sobrevivência do Espírito após a falência do corpo físico. O olhar dos cegos reside exactamente na convicção do facto de que tudo aquilo que se contrapõe à verdade de cada um, não é verdade! Recusam-se a conhecer a nova realidade, o que significa abandonar a sua própria verdade e reformular o equívoco que ela apresenta. O facto científico demonstrou aos *doutores da lei*, no período medieval, o equívoco da teoria do geocentrismo dogmatizada pela miopia do segmento religioso, para aceitar a evidência lógica da teoria do heliocentrismo defendida por Galileu que, não obstante, foi obrigado a abjurar a veracidade das suas teorias.

O mundo das ideias dogmáticas é o mundo da escuridão em que se encontra mergulhada uma parte significativa da sociedade humana. Ele é consequência do atraso espiritual da pessoa no curso de milénios. Esse período de exarcebado materialismo ocultou a visão da realidade da vida espiritual. Manteve-a eclipsada durante esse lapso temporal. E, diante dessa realidade, não foi possível libertar o homem dos grilhões da ignorância. A visão distorcida da espiritualidade do homem no translado da História o manteve prisioneiro das ideias pré-concebidas, heranças de um passado gerado no ambiente de ignorância científica predominante, que perdura por milénios. E, por essa razão Cristo prognosticou que: *Conhecereis a verdade e a*

verdade vos libertará. (João, 8:32). Somente através do desvendamento dos programas existenciais estaremos preparados para descortinar os mistérios que envolvem o ser humano, abrindo-lhes a mente e o coração para um novo programa vivencial. Nessa linha de ideias, Teilhard de Chardin ⁷ proclama que: *Na verdade, duvido que haja para o ser pensante instante mais decisivo do que aquele em que, caindo-lhe as escamas dos olhos, ele descobre que não é um elemento perdido nas solitudes cósmicas, mas que é uma universal vontade de viver que nele converge e se hominiza.*

A cortina que separa o ser humano vivo do morto decorre da nossa ignorância diante da fenomenologia evidencial que se apresenta e que relutamos em conhecer. Isso porque implica em desmistificar os dogmas que nos mantêm prisioneiros de crenças distantes da lógica, da razão e da ciência. E, perante a inexorável realidade, adiamos nosso programa de reformas íntimas adaptadas à realidade espiritual que se descortina após nossa morte física. Por sua vez, em decorrência desse atraso espiritual, essa realidade interfere nas necessárias mudanças que a sociedade necessita conhecer para alterar seus rumos, sob pena de falência das instituições e, particularmente, do ser humano nesse significativo momento de transição planetária. Allan Kardec⁸, na conclusão de *O Livro dos Espíritos* enfatiza: *Longe de se opor à difusão da luz, ele a deseja para todos; não reclama uma crença cega, mas quer que se saiba por que se crê, e como se apoia na razão será sempre mais forte do que as doutrinas que se apoiam sobre o nada.*

Afinal, as reformas somente serão importantes se forem realizadas para alterar as causas e não os efeitos, que são consequência daquelas. Para essa tarefa, é preciso que o olhar dos que se recusam a ver esteja voltado para a nova realidade espiritual, posto que será a causa determinante do nosso poder de

compreensão dos factos que justifica nossa existência no plano material em face da doutrina do Cristo.

Bibliografias:

- 1 – FRANCO, Divaldo Pereira. *A Mensagem de Amor Imortal*, pelo Espírito Amélia Rodrigues. Salvador. LEAL, 2008, p. 123.
- 2 – FROMM, Erich. *A arte de amar*. São Paulo: Martins Fonte, 2006, p.9.
- 3 – FRANCO, Divaldo Pereira. Op. Cit. p. 123
- 4 – POPPER, Karl R..*Em busca de um mundo melhor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.173.
- 5 – ARENDT, Hannah. *A vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 271.
- 6 – FROMM, Erich. Op. Cit. p.17.
- 7 – CHARDIN, Teillard. *O fenómeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1955, p. 28.
- 8 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Edigraf, 1966, p. 419.

CLAYTON REIS

(Transcrito, com a devida vénia, do Jornal Brasileiro MUNDO ESPÍRITA, de Dezembro de 2014, da Federação Espírita do Paraná).

O VALOR DAS MÃES

Um jovem de nível académico excelente, candidatou-se à posição de gerente de uma grande Empresa. Passou a primeira entrevista e o Director fez-lhe a última, tomando a última decisão. O Director descobriu, através do currículo, que as suas realizações

académicas eram excelentes em todo o percurso, desde o Secundário até à pesquisa da pós-graduação, e não havia um só ano em que não tivesse sido classificado com a nota máxima.

O Director perguntou: - Teve alguma Bolsa, na Escola?

O jovem respondeu: - Nenhuma.

- Foi seu pai quem pagou as suas propinas?

- O meu pai faleceu quando eu tinha apenas um ano; foi minha mãe quem pagou as mensalidades.

. Onde trabalha sua mãe?

- Minha mãe lava roupa.

O Director pediu que o jovem lhe mostrasse as mãos. O jovem mostrou as suas mãos, macias e perfeitas.

- Alguma vez ajudou a sua mãe a lavar roupa?

- Nunca; a minha mãe sempre quis que eu estudasse e lesse mais livros. Além disso, a minha mãe lava a roupa mais depressa do que eu.

- Eu tenho um pedido: hoje, quando voltar para casa, lave as mãos de sua mãe e, depois, venha ver-me amanhã de manhã.

O jovem sentiu que a hipótese de obter o emprego era alta. Quando chegou a casa pediu, feliz, à mãe que o deixasse limpar as suas mãos. A mãe achou estranho mas estava feliz e, com um misto de sentimentos, mostrou as mãos ao filho, que lhas limpou lentamente. Uma lágrima escorreu-lhe, enquanto o fazia. Era a primeira vez que reparava que as mãos da mãe estavam muito enrugadas e tinham demasiadas contusões. Algumas eram tão dolorosas que a mãe se queixava, quando lhas limpava com água. Esta era a primeira vez que o jovem percebia que estas mãos que lavavam roupa todos os dias, lhe tinham pago as propinas. As contusões nas mãos da mãe eram o preço a pagar pela sua

graduação, a excelência académica e o seu futuro. Após acabar de limpar as mãos da mãe, o jovem silenciosamente lavou as restantes roupas, por ela. Nessa noite, mãe e filho falaram por bastante tempo.

Na manhã seguinte, o jovem foi ao gabinete do Director, que lhe percebeu as lágrimas nos olhos e perguntou:

- Diga-me, o que fez e o que aprendeu ontem em sua casa?

- Eu lavei as mãos de minha mãe e ainda acabei de lavar a roupa que faltava.

- Por favor, diga-me o que sentiu.

- Primeiro, agora sei o que é dar valor: sem a minha mãe, não haveria um EU com êxito, hoje. Segundo, ao trabalhar e ajudar minha mãe, só agora percebi a dificuldade e a dureza que é ter algo pronto. Em terceiro, agora aprecio a importância e o valor de uma relação familiar.

- Isso é o que eu procuro num Gerente. Quero recrutar alguém que saiba apreciar a ajuda dos outros, uma pessoa que conheça o sofrimento dos outros para terem as coisas feitas e uma pessoa que não coloque o dinheiro como seu único objectivo na vida. Está contratado.

Desde aí, o jovem trabalhou arduamente e recebeu o respeito dos seus subordinados. Todos os empregados trabalhavam diligentemente e em equipa. O desempenho da Empresa melhorou tremendamente.

*

Uma criança que seja protegida e habitualmente tenha tudo o que quiser, desenvolver-se-à mentalmente e se colocará sempre, em primeiro lugar. Ignorará os esforços dos seus pais e, quando começar a trabalhar, assumirá que todas as pessoas devem ouvi-la e, se se tornar Gerente, nunca saberá o sofrimento dos seus

empregados e sempre culpará os outros. Este tipo de pessoas - que podem ser boas academicamente e bem sucedidas por um tempo sem que eventualmente sintam a sensação de objectivo atingido -, sempre irão resmungar, estar cheios de ódio e lutar por mais.

Se formos esse tipo de pais, estaremos realmente a mostrar amor pelo nosso filho ou a destruí-lo?

Pode deixar o seu filho viver numa grande casa, comer boas refeições, aprender piano e ver televisão numa grande TV-plasma mas, quando for cortar a relva, por favor, deixe-o experimentar isso. Depois da refeição, deixe-o lavar o seu prato, juntamente consigo e com os seus irmãos. Deixe-o arrumar os brinquedos e fazer a cama. Isto não será por não ter dinheiro para contratar uma empregada mas por querer amá-lo e ensiná-lo como deve ser. Que ele entenda que não interessa se os pais são ricos ou não, pois um dia ele irá envelhecer – tal como a mãe daquele jovem. A coisa mais importante que os seus filhos devem entender é a necessidade de apreciarem o esforço e a experiência da dificuldade e aprendizagem da habilidade de trabalhar com os outros para fazer coisas.

Quais foram as pessoas que ficaram com as mãos enrugadas por mim?

O valor das nossas mães... dos nossos pais...

ANÓNIMO

(Recebido de António de Pina Gouveia, S. Paulo, que o transcreveu para nós).

*

mas não conseguem, e esta afirmativa leva-nos a pensar que a fé já existe – o que falta é o seu conhecimento e a procura da maneira de como a fomentar.

Este processo com certeza que é diferente para cada um, já que cada um de nós é um mundo com os seus sentimentos, quererem, reacções e preocupações... mas quando afirmamos que “queremos ter” com certeza que já a sentimos, ainda que sem dela nos apercebermos!

Então, analisemos: o que significa fé?

Fé, por princípio, significa acreditar, crer-se... e se acreditamos em nós (embora, por vezes, minimizemos o nosso valor e as nossas capacidades) fácil nos é, depois, estender esse sentimento para aquilo que queremos, para aquilo em que desejamos acreditar!

Debrucemo-nos, por exemplo, sobre Jesus e interroguemo-nos: será que Ele foi **mesmo** o Messias, anunciado desde séculos atrás pelos profetas do Antigo Testamento? Ou foi – como já temos escutado a alguns – apenas uma utopia?! Que foi que Ele fez?, que obras escreveu, o que deixou?... Podemos considerá-IO uma personagem histórica?

Bem, obras não escreveu nenhuma, realmente, escreveram-nas os outros para registar o que Ele dizia... Mas podemos considerá-IO um moralista, um revelador...o maior de todos os filósofos que possamos conhecer ou estudar... um Mestre, em suma! Interpretando a Lei Divina Ele rectificou a interpretação mosaica ou antes, a lei civil que o profeta criara para fazer cumprir a primeira, ensinando que, colocando o sentimento do amor nas nossas acções e relações, criaríamos mais paz e harmonia porque Deus **só ama, não castiga** e, sem termos que temer a ira divina, todos começámos a ser mais sinceros e honestos, porque se passou a pôr de parte o temor de um castigo que, na nossa ignorância, nem percebíamos como e porque acontecia!

Jesus, como Emissário Divino, ensinou-nos o Amor a Deus e o d'Ele para com todos nós, pois que no IO apresentou como o Pai que ignorávamos fosse!... Sem nada impor a ninguém, o Divino Amigo exemplificou o amor pelo próximo, a tolerância, o perdão!...

Utopia?... Não! Quem transmite conhecimentos e deixa exemplos que, passados mais de dois mil anos ainda estão tão actuais e válidos como quando foram referidos a primeira vez não é, não pode ser nunca, um ser utópico!

Quem se detiver num caminho diferente, que percorra e tente seguir os exemplos que Ele deu e as lições que nos deixou e reconhecerá, fazendo-o, que pouco a pouco se terá tornado melhor; então, sentindo-se melhor, reconhecerá a conquista de um equilíbrio e paz que não vivera anteriormente... e descobrindo-se repara, finalmente, em si, naquela fé que queria sentir mas não sabia como ou onde encontrar!

Assim, quem a procure concluirá que a fé está sempre aliada ao amor... e como o Amor é de essência divina, concluiremos (neste último dia de mais um ano que o Senhor nos concedeu) que, queiramos ou não, com mais ou menos fé, Deus está sempre connosco, mesmo quando não percebemos que também estamos com Ele!

MANUELA VASCONCELOS



JESUS PSICOTERAPEUTA

Abstraindo-nos de qualquer sentimento religioso ou reverencial à figura histórica de Jesus, constatamos que a mensagem que nos legou possui inequívoca aplicabilidade ao homem de todas as épocas. Ela é atemporal.

Jesus foi o Mestre por excelência, não só por dominar todo o conhecimento teológico e escritural judaico de sua época, mas por evidenciar em sua doutrina o Evangelho, a Boa Nova, conhecimentos que transcendem a Filosofia, a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia, etc. de nossos tempos. Ele responde às mais pungentes indagações filosóficas, ao mesmo tempo em que desvela a natureza humana e a maneira desta ser transformada para a construção de uma sociedade feliz, composta por indivíduos felizes, realizados.

“O Reino de Deus está dentro de vós”.

Revelava, assim, a nossa natureza crística, que nos cabe conhecer ou reconhecer, num encontro profundo conosco mesmo. É a descoberta da nossa verdadeira identidade espiritual, de sermos eternos em busca da perfectibilidade.

Jung, notável psiquiatra suíço, criador da “Psicologia Profunda” identificava, já há algumas décadas, o principal arquétipo do homem, a que ele chamou de ‘Self’, a instância perfeita de nossa individualidade, que irradiando a sua energia pura, conduz o aperfeiçoamento da personalidade humana em sua marcha evolutiva.

Jesus representa, de alguma forma, o psicoterapeuta do género humano de todos os homens. Sua mensagem vem, sobretudo, salvar-nos de nós mesmos, que insistimos em prestigiar o nosso lado sombrio (a sombra – outro arquétipo junguiano) pela adesão a falsos valores, ao egoísmo e ao orgulho, manifestações directas do culto do ego. Por que a infelicidade se multiplica por toda a parte, hoje e desde o princípio da História, senão pela atitude do homem que elege o **ter** em detrimento do **ser**, optando pelo efémero e as aparências, esquecendo o que é eterno e essencial!

Porque o brasileiro, antes considerado um povo cordial, hoje possui uma das sociedades mais violentas do mundo? A resposta está na nossa adesão ao consumismo voraz, insaciável e a um individualismo insensível.

Onde estão os valores de solidariedade e afetividade dos nossos avós? Onde a amizade, a simplicidade, o respeito, a tolerância que nos caracterizavam como povo? O Brasil foi engolfado pelo pior da globalização, cuja teoria económica repousa no capitalismo selvagem e no individualismo socialmente irresponsável, que nos faz regredir aos primitivos tempos da nossa organização social. A sua inconsistência, em todos os aspectos, fica patente por esta crise económica mundial em que estamos submersos, se já não o fosse pela fome que acomete mais de metade do planeta.

Léon Dénis, iluminado filósofo espírita, antecipando-se aos tempos que vivemos, já dizia em seu livro “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”: *“A filosofia da escola, depois de tantos séculos de estudo e de labor, é ainda uma doutrina sem luz, sem calor, sem vida. (...) Daí o desânimo precoce e o pessimismo dissolvente, moléstias das sociedades decadentes, ameaças terríveis para o futuro, a que se junta o cepticismo amargo e zombeteiro de tantos moços da nossa época; em nada mais crêem do que na riqueza, nada mais honram que o êxito.”*

Jesus veio salvar-nos desta opção pela infelicidade, mostrando-nos a nossa filiação divina e a nossa destinação gloriosa. Ele mesmo foi o protótipo do homem realizado, conectado com o seu Self, iluminado pelo Deus interior, agulha divina que somos todos nós. Dele falam os Evangelhos: sabia ensinar e falar *“com poder e com toda a autoridade”*. *“Ficavam todos convencidos daquilo que*

Ele dizia” (Mcs., 1:22)”porque d’Ele saia uma força que curava todos os males” (Lcs., VI:19). Sua terapia era a doutrina do amor e seu instrumento terapêutico a sua própria personalidade.

Jesus, obviamente, não foi um psicoterapeuta como modernamente entendemos, no sentido de tratar traumas e neuroses e transtornos de personalidade, mesmo porque não dispunha, na época, destes recursos conceituais. Ele o foi no sentido lato, mas profundo, pois conhecia plenamente os processos psíquicos construtivos e destrutivos da vida. Ele detinha as qualidades precípuas do terapeuta. Quem mais, senão Ele, atingiu a integração da personalidade, a identidade e a individuação? Jung frisa que o próprio terapeuta é o próprio método ou a própria terapia. Nenhum terapeuta pode ultrapassar a si próprio na terapia.

No “Livro dos Espíritos”, obra básica de Allan Kardec, este faz a pergunta nº. 625 aos Espíritos: *“Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo?”* Resposta: *“Jesus”*.

Simples assim. Assim é que Jesus vem a ser o paradigma, o terapeuta imortal que, através dos séculos, temos buscado na nossa ânsia de libertação, de felicidade. Mas como tem sido mal interpretado! As interpretações dogmáticas de sua doutrina têm-se constituído em verdadeira camisa de força a desnaturá-la e limitá-la.

Em outra pergunta, a 621, indaga-se: *“Onde está escrita a Lei de Deus?”* Resposta: *“Na consciência”*.

Jesus vem a ser, portanto, o nosso guia para adentrarmos os caminhos do nosso interior psicológico, no processo de integração de nossa personalidade, descoberta de nossa autêntica identidade e

consequente individuação ou crescimento, ou evolução psico-espiritual. Isso só acontece pela vivência da Lei de Deus, inculpida que está na intimidade de nossa própria consciência. E a Lei de Deus, já nos ensinava o Mestre incomparável, é a vivência do amor em suas manifestações mais puras de solidariedade, cooperação, tolerância e fraternidade para com o próximo.

LUIS ANTÔNIO DE PAIVA

(Psiquiatra e Vice-Presidente da A.M.E. Goiás)

(Este trabalho foi-nos enviado, gentilmente, em Julho de 2009, por Carlos Castelão, do Grupo Fraternidade Espírita Jerônimo Ribeiro, de Vila Velha, Espírito Santo, Brasil).

*

ACEITAÇÃO - PALAVRA CHAVE DA VIDA

Aprendi, com os nossos queridos Irmãos da Espiritualidade, que a palavra chave de nossa jornada no corpo físico, e fora dele também, é ***ACEITAÇÃO***.

A **ACEITAÇÃO** é o início da transformação e será sempre através da aceitação que conseguiremos mudar nossos rumos, ultrapassar obstáculos e encontrar a solução para os problemas.

Quando, verdadeiramente, aceitamos os factos, conseguimos dar a real dimensão daquilo que temos que vencer; se ficarmos lamentando-nos, revoltados, ou praguejando, nossa mente estará criando cenários intransponíveis, mas quando aceitamos as coisas que nos estão por diante, encontramos-nos na situação de dominá-la, raciocinando as atitudes que temos de tomar para resolvê-las.

A **ACEITAÇÃO** jamais deverá vir acompanhada do ócio ou da inércia ou da acomodação, pois não se trata de uma atitude de fraqueza ou de desistência, mas antes de coragem, humildade, elevação e clareza mental pois, agindo desta forma, seremos como as águas de um rio que, ao seguir seu rumo na direção do mar, passa sobre seus obstáculos naturais, mas quando encontra problemas que, aparentemente, se apresentam como intransponíveis, contorna-os fazendo e criando suas curvas e deixando para trás aquilo que não interessava manter no seu caminho.

A cura de uma doença, seu controle, ou a busca da amenização de seus efeitos, começa quando se a aceita. A solução de uma crise só afasta suas sombras quando trazemos luz para nossos pensamentos e palavras e isso só acontece quando entendemos e aceitamos os factos.

Como dizia um Velho amigo: “... a dor é para todos, ela sempre chega para o aprendizado de cada um, mas o sofrimento é individual, pois ele só existe quando não se entende ou não se aceita a dor que lhe bate à porta!”

Lembre-se: apesar de sempre buscarmos responsáveis por nossa situação, ou nossos problemas, só nós somos os verdadeiros responsáveis por nos encontrarmos em qualquer situação; seremos nós que permitiremos estes acontecimentos ao darmos os sinais para que isto ou aquilo, este ou aquele, façam parte de nossas vidas.

É certo que não posso mudar a vida e os actos das pessoas, mas sei que só eu posso mudar a mim.

Um aprendizado que não seja colocado em prática, é como a ferramenta guardada... enferruja!

Oração da Serenidade:

Deus, concede-me a serenidade para
ACEITAR as coisas que não posso modificar!
CORAGEM para modificar aquelas que posso, e...
SABEDORIA para perceber a diferença.

MARCELO VITAL BRASIL

(C.E. Fraternidade Auta de Sousa – S.Paulo – Br.)

PÁGINAS DO PASSADO

Meditando

*“Exemplifiquemos a fraternidade
e seremos cristãos”. – A. Lobo Vilela*

A restauração e integração dos princípios federativos, impõem-se a todos os espíritas que conscientemente interpretem os objectivos espiritualistas, representados pela Federação Espírita Portuguesa, a qual, quer pela sua orgânica, quer ainda pelo seu significado social, obriga-os a meditar sobre os seus deveres para com tal organismo, e ainda perante si mesmo.

O Espiritismo, tem uma missão social a cumprir, e esta só pode atingir a sua finalidade se os espíritas souberem congraçar os seus esforços e boa vontade em volta da F.E.P., único organismo legalmente constituído no nosso país, com tal carácter, para a expansão do Espiritismo em Portugal, tornando assim tal instituição respeitada e com autoridade moral para cumprir a missão que lhe foi confiada por um Congresso Nacional.

Esta é a posição consciente e ideal de todo o espírita compreensivo do valor social da F.E.P., como organismo federativo, que é de direito.

Infelizmente, porém, a maioria dos que se confessam espíritas não procuram integrar-se nos objectivos da doutrina, alheando-se da razão da sua presença dentro da F.E.P., e mesmo perante os princípios morais que ela encerra.

Disse, há dias, o Cardeal Patriarca de Lisboa, quando da sua Pastoral Colectiva, a propósito do ano santo, e referindo-se à mediocridade dos cristãos:

“A vida de muitos é uma vida morta. Não a anima do Espírito de Cristo. Vida sobrenatural, falta-lhe a iluminação da Fé, a tensão da Esperança, o fogo da Caridade.”

Lá como cá, os espíritas também não procuram viver os princípios morais, sociais e filosóficos que o Espiritismo, como corpo de doutrina revelada, lhes impõe, mas antes vivem na doutrina sem a conhecerem e, sem procurarem conciliar a justiça com a caridade, lançam-se, em geral, por caminhos desordenados e tortuosos, sem que da doutrina colham o que de bom lhes pode dar, trazendo antes perturbação, onde só meditação deveria existir, única garantia de trabalho produtivo.

O indivíduo, uma vez iniciado nos altos princípios proclamados pelo Espiritismo, deve sim agrupar-se, mas em volta da F.E.P., no sagrado e firme propósito de dar a tal organismo, um pouco da sua inteligência e de boa vontade, despido de propósitos que não sejam o engrandecimento do Espiritismo em Portugal.

A Federação Espírita Portuguesa, é um organismo que pela sua estrutura e pela sua origem, cumpre-lhe superiormente congregar, orientar, conduzir e realizar, obra estruturalmente neo-espiritualista, para cujo objectivo todos os spiritistas devem concorrer, com a consciência fiel de que o Espiritismo é, já hoje, um movimento mundial, com responsabilidades de tal ordem que não se compadece com ideias negativas, exigindo, por conseguinte, dos seus adeptos, a maior coesão e energia moral para assim, e só assim, poder enfrentar e coordenar o movimento neo-espiritualista em todo o nosso país.

Não é dividindo as nossas actividades em volta de práticas nem sempre de utilidade, que o espírita cumpre com o seu dever social. A dispersão de vontades, ao serviço de propósitos nem sempre confessáveis, afasta a luz da Fé, inutiliza a confiança na Esperança e destrói o fogo da Caridade.

A falta de unidade de pensamento, arrasta o homem para a maledicência, afastando-o do trabalho útil e produtivo, tão

necessário na hora presente; portanto, e no propósito de estabelecer disciplina nas nossas actividades, vivamos os preceitos do Espiritismo, em profundidade, não só no firme desejo de ser útil à humanidade, como a nós próprios e ao organismo que tem por objectivo conduzir e orientar o Espiritismo em Portugal, sob pena de ter falseado a lei.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1950.

ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA

(In: Revista de Metapsicologia, da F.E.P., de Fevereiro de 1950. Castanheira de Moura era o Presidente da F.E.P. quando foi fechada por ordem do Governo de então).



SAUDADE

(Para o meu filho ausente)

*Saudade! Gosto amargo de infelizes,
doce pungir de acerbo espinho... -
ALMEIDA GARRETT – (Camões).*

Vesti sobre o meu peito macerado
Desta saudade o aspérrimo cilício;
Mas tanto Amor descubro em tal suplício,
Que é gozo o sofrimento exp’rimentado...

Meu triste coração já resgatado
Desta vida terrena – atroz flagício –
Outra aurora antevê, em claro início:
- O perfeito caminho iluminado...

“A morte é vida”, esplêndido caudal,
Brotando de uma fonte perenal,
A espriar-se por toda a Imensidade...

E quero tanto bem a este pungir,
Que, mesmo noutra vida, hei-de sentir
Saudade, ó meu Amor, desta Saudade!

MARIA VELEDA

(In: Revista Portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, de Abril de 1946).

RAOUL FOLLEREAU

Filho de um industrial de Nevers, Raoul parecia destinado a uma carreira literária. Aos 24 anos os seus poemas já eram famosos e as suas peças de teatro eram representadas. Era um orador brilhante.

Um encontro com o Padre Foucauld, no Sahara, marcou a sua vida. Decide dedicar toda a sua vida a amar os mais necessitados. Opta, de modo especial, pelos leprosos, quando viu a situação destes na Costa do Marfim. Começa por construir um hospital onde estes doentes sejam tratados e não excluídos da sociedade.

Para conseguir os fundos necessários, inicia, juntamente com a sua esposa, uma grande ‘tournée’ de conferências, que provocaram um grande movimento de solidariedade.

Por onde quer que passe, este leigo cristão aproxima-se dos leprosos, aperta-lhes as mãos, abraça-os, faz com que eles se sintam felizes.

Percorreu o mundo e, em 1954, fundou o ‘Dia Mundial dos Leprosos’, actualmente celebrado em 127 países.

Raoul quis estender este combate a “todas as lepras”, que são a miséria, o egoísmo, a guerra. Pôs a questão: “bombas atómicas ou caridade”. Em 1954 lançou um apelo aos governantes das grandes potências mundiais (Estados Unidos e União Soviética): “dai, cada um de vós, um dos vossos aviões de bombardeamentos e poder-se-ão curar todos os leprosos do mundo”.

Em 1964 pediu à ONU a instituição do Dia Mundial da Paz, durante o qual cada Estado dedicaria o equivalente a um dia de armamento para a luta contra a fome e a doença. O apelo foi assinado por 3 milhões de jovens de 14 a 20 anos, de 124 países.

A acção deste “vagabundo da caridade” será continuada, depois da sua morte em 1977, pelas “Fundações Raul Follereau”.

ANÓNIMO

(Este trecho surgiu sob os nossos olhos numa folha simples de papel, sem nome de autor nem de publicação. Porque nunca é demais conhecerem-se as atitudes de quem dedica a sua vida ao seu próximo, ele aqui fica, como um exemplo de amor e desinteresse).

*

A LENDA DA CARIDADE

Diz interessante lenda que, a princípio, no mundo se espalharam milhares de grupos humanos, nas extensas povoações da Terra.

O Senhor endereçava incessantes mensagens de paz e bondade às criaturas, entretanto, a maioria se desgarrou no egoísmo e no orgulho. A crueldade agravava-se, o ódio explodia...

Diligenciando solução ao problema, o Celeste Amigo chamou o Anjo da Justiça que entrou em campo e, de imediato, inventou o sofrimento.

Os culpados passaram a resgatar os próprios delitos, a preço de enormes padecimentos.

O Senhor aprovou os métodos da Justiça, que reconheceu indispensáveis ao equilíbrio da Lei, no entanto, desejava encontrar um caminho menos espinhoso para a transformação dos espíritos sediados na Terra, já que a dor deixava comumente um rescaldo de angústia a gerar novos e pesados conflitos.

O Divino Companheiro solicitou concurso ao Anjo da Verdade que estabeleceu, para logo, os princípios da advertência.

Tribunas foram erguidas, por toda a parte, e os estudiosos do relacionamento humano começaram a pregar sobre os efeitos do mal e do bem, compelindo os ouvintes à aceitação da realidade.

Ainda assim, conquanto a excelência das lições propagadas, repontavam dúvidas em torno dos ensinamentos da virtude, suscitando atrasos altamente prejudiciais aos mecanismos da elevação espiritual.

O Senhor apoiou a execução dos planos ideados pelo Anjo da Verdade, observando que as multidões terrestres não deveriam viver ignorando o próprio destino.

No entanto, a compadecer-se dos homens que necessitavam de reforma íntima sem saberem disso, solicitou a cooperação do Anjo do Amor, à busca de algum recurso que facilitasse a jornada dos seus tutelados para os Cimos da Vida.

O novo emissário criou a caridade e iniciou-se profunda transubstanciação de valores.

Nem todas as criaturas lhe admitiam o convite e permaneciam, na rectaguarda, matriculados nas tarefas da Justiça e da Verdade, das quais auriam a mudança benemérita, em mais longo prazo, mas todas aquelas criaturas que lhe atenderam as petições, passaram a ver e a auxiliar aos irmãos doentes e obsessos, paráliticos e mutilados, cegos e infelizes, os largados à rua e os sem ninguém.

O contacto recíproco gerou precioso câmbio espiritual.

Quantos conduziam alimento e agasalho, carinho e remédio para os companheiros infortunados, recebiam deles, em troca, os dons da paciência e da compreensão, da tolerância e da humildade, e, sem maiores obstáculos, descobriram a estrada para a convivência com os Céus.

O Senhor louvou a caridade, nela reconhecendo o mais importante processo de orientação e sublimação, a benefício de quantos usufruem a escola da Terra.

Desde então, funcionam, no mundo, o sofrimento, podando as arestas dos companheiros revoltados; a doutrinação informando aos espíritos indecisos quanto às melhores sendas de ascensão às Bençãos Divinas; e a caridade iluminando a quantos se consagram ao amor pelos semelhantes, redimindo sentimentos e elevando almas, porque, acima de todas as forças que renovam os rumos da criatura, nos caminhos humanos, a caridade é a mais vigorosa, perante Deus, porque é a única que atravessa as barreiras da inteligência e alcança os domínios do coração.

MEIMEI

(In: MEDITAÇÕES DIÁRIAS – F. C: Xavier – ed. Ide).

UMA MENSAGEM

Muita paz nos vossos corações!

Agradecemos sempre, ao Senhor, a oportunidade de nos podermos reunir nestas tarefas que tanto tocam os nossos

corações, de podermos levar uma réstea de Luz onde as trevas pairavam, de podermos transmitir uma palavra de Esperança onde existia o desespero, de podermos ajudar ao equilíbrio de quem estava desequilibrado... É um conforto grande para qualquer coração, por isso ficamos felizes de podermos estar reunidos; ficamos felizes por vermos a entrega de cada um;; ficamos felizes por reconhecermos a fé que existe nuns e noutros.

Mas a Fé tem de ser raciocinada: fez parte da leitura de hoje e, muitas vezes, ou, pelo menos, algumas vezes, o comportamento de uns e de outros é como se agissem não como em função de uma fé raciocinada, mas em função da fanática, aquela que diz “é assim porque é assim. Então, vamos encolher os ombros e seguir em frente que não vale a pena fazer de outra maneira”.

E não pode ser assim, meus queridos, não pode ser assim!

Com o conhecimento que já chegou até uns e outros, ponham-no ou não activamente em prática, cada um tornou-se mais responsável pelos seus actos. Então, encolher os ombros e seguir em frente, como se não se soubesse de uma Lei de Causa e Efeito, como se não se conhecessem as consequências desse gesto, só serve para uma consequência mais deprimente depois, quando chegar o momento de pensar “o que foi que eu fiz?”

Então, meus queridos, neste retomar de uma tarefa que é doce para todos, que cada um se proponha para si próprio agir sempre de maneira a não se perguntar mais tarde “o que foi que eu fiz?”. Que cada um seja sempre lúcido, nas acções que pratique, nas conversas que tenha. Que cada um procure sempre doar o melhor de si próprio nas tarefas que assumiu e no amor pelo seu Próximo. Que cada um seja sempre fraterno, seja em família seja entre companheiros de trabalho, onde quer que se encontre.

Queridos filhos, somos todos Criação Divina! Então, assumamos a responsabilidade da nossa criação e, se somos filhos de um Ser Perfeito, procuremos sempre mais e mais aperfeiçoarmo-nos um pouco melhor, para que logo, Amanhã, em qualquer altura em que sejamos postos à prove, que ninguém vacile na atitude, na decisão a tomar. Que cada um sinta, em si, onde quer que se encontre, que está sempre dando o melhor de si próprio e que, como Criação Divina que é, procure sempre não ofender ao seu Criador.

Que o Senhor nos abençoe a todos, onde quer que nos encontremos, que Ele nos ajude a mantermo-nos sempre firmes na busca do Bem e do Amor maior.

Que o Senhor fique com Todos.

AUGUSTO

(Mensagem recebida em 12/Janeiro/2012).

*

O companheiro cuja aspereza te ofende e o aprendiz cuja insipiência te irrita, são irmãos que te rogam cooperação e entendimento, e quantos te caluniem ou ape-drejem são doentes que te pedem simpatia e consolo.

Para que colabores e compreendas, harmonizes e reconfortes, é necessário que a tolerância construtiva te alente os passos. – EMMANUEL/Francisco Xavier.